

---

## EXPERIMENTAR LITERATURA NA EDUCAÇÃO: UMA ESTRATÉGIA NÔMADE DE MICRORREVOLUÇÃO DO DESEJO?

---

EXPERIENCE LITERATURE IN EDUCATION:  
A NOMAD STRATEGY OF MICRO-REVOLUTION OF DESIRE?

---

EXPERIMENTAR LA LITERATURA EM EDUCACIÓN:  
¿UNA ESTRATEGIA NOMADA DE MICRO-REVOLUCIÓN DEL DESEO?

---

*Alexandre Filordi de Carvalho<sup>1</sup>; Danilo da Silva Gonçalves<sup>2</sup>*

### RESUMO

As redes políticas têm adensado a semiotização do capital no aparelho estatal escolar. Sob tal contexto, fazem-se necessárias novas estratégias de resistência ao avanço da racionalização neoliberal. A partir de uma pesquisa realizada com alunas e alunos leitores (COMITÊ DE ÉTICA 8369301019), oportunizados a experimentar a literatura fora do circuito da demanda de formação curricular nas escolas públicas, o objetivo do artigo é mostrar o investimento teórico que concebeu a literatura como experiência de monumento de perceptos, de afectos e blocos de sensações. A hipótese investigativa sustenta que, ao se gerar experimentações por meio da máquina de expressão literária, a semiotização dominante escapa ao controle das demandas dos sistemas de formação capitalísticos funcionais. Nesse caso, indica-se a possibilidade de uma insurreição nômade na educação baseada na experiência literária, por sua vez, a potencializar a produção política de microrrevolução do desejo. Para tanto, os pensamentos de Berardi, Deleuze e Guattari são empalmados como condição favorável à análise em tela. Ao cabo, conta-se emergir uma disposição teórica a partir da qual a educação seja experiência de eclidir o desconhecido, a saber, aquilo que está por experimentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Educação. Microrrevolução do desejo. Nomadismo.

### ABSTRACT

Political networks have been increasing the semiotization of capital in the state school system. In this context, new strategies to resist the advance of neoliberal rationalization are necessary. Based on a research carried out with male and female readers (ETHICS COMMITTEE 8369301019), given the opportunity to experience literature outside the circuit of the demand for curricular training in public schools, the objective of the article is to show the theoretical investment that conceived literature as experience as a monument of perceptions, affects and blocks of sensations. The investigative hypothesis holds that when generating experiments through the literary expression machine, the dominant semiotization escapes the control of the demands of the functional capitalistic training systems. In this case, the possibility of a nomadic insurrection in education based on literary experience is indicated, in turn, to enhance the political production of micro-revolution of desire. For that, the thoughts of Berardi, Deleuze and Guattari are gathered as a favorable condition for the analysis on screen. In the final terms, a theoretical disposition is expected to emerge from which education is an experience of breaking out of the unknown, namely, what is yet to be experienced.

**KEYWORDS:** Literature. Education. Micro-revolution of desire. Nomadism.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Professor Permanente Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, SP - Brasil. **E-mail:** [afilordi@gmail.com](mailto:afilordi@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, SP - Brasil. Colaborador externo - Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (CESPE), vinculado à Universidade Federal de Brasília (UNB). Brasília, DF - Brasil. **E-mail:** [daniologon2008@gmail.com](mailto:daniologon2008@gmail.com)

**Submetido em:** 23/01/2021 – **Aceito em:** 17/05/2021 - **Publicado em:** 31/03/2023

**RESUMEN**

Las redes políticas han venido aumentando la semiotización del capital en el sistema escolar estatal. En este contexto, son necesarias nuevas estrategias para resistir el avance de la racionalización neoliberal. A partir de una investigación realizada con lectoras y lectores (COMITÉ DE ÉTICA 8369301019), dada la oportunidad de experimentar la literatura fuera del circuito de la demanda de formación curricular en las escuelas públicas, el objetivo del artículo es mostrar la inversión teórica que concibió la literatura como la experiencia como monumento de percepciones, afectos y bloques de sensaciones. La hipótesis investigadora sostiene que al generar experimentos a través de la máquina de expresión literaria, la semiotización dominante escapa al control de las demandas de los sistemas de formación capitalistas funcionales. En este caso, la posibilidad de una insurrección nómada en la educación basada en la experiencia literaria se indica, a su vez, para potenciar la producción política de la micro-revolución del deseo. Para eso, se empalman los pensamientos de Berardi, Deleuze y Guattari como condición favorable para el análisis en pantalla. Por final, se espera que surja una disposición teórica de la cual la educación sea una experiencia de hacer emerger lo desconocido, es decir, lo que aún está por experimentar.

**PALAVRAS-CLAVE:** Literatura. Educación. Micro-revolución del deseo. Nomadismo.

## **1 A LITERATURA COMO INTRODUÇÃO A UMA MICRORREVOLUÇÃO DO DESEJO: O QUE ESTE TEXTO DESEJA**

Pesquisas recentes apontam a emergência de um novo modelo de educação, porém, assestada na direção do empresariamento de si (LAVAL, 2019), da precarização do conhecimento não aprumado com o neoliberalismo (CARVALHO, 2020) e comprometido apenas com as sujeições demandadas pelo mercado (HOOKS, 2020).

Nos anos de 1980, Guattari (2009, 2011 a e 2012) já chamava a atenção para o quanto a intensificação do capital, tramado pela máquina capitalista, visando a consolidar um estágio de integração mundial, necessitava de uma formação subjetiva aderente aos padrões impostos. Para tanto, seria preciso englobar todos os Estados, todos os mercados, todas as subjetividades neles implicadas, todas as formas de ação e de pensamento que, perfeitamente adaptados a essa máquina, já não seriam capazes de produzir diferenças. A educação, no limite, haveria de se tornar intensa experiência de formação subjetiva a partir de uma semiótica significativa, fazendo da máquina escolar um modelo implacável de selecionar seus sujeitos para o funcionamento da conexão eficiente à atitude especializada, por seu turno, baseada nas codificações subjetivas pré-fabricadas (GUATTARI, 2012).

Tal horizonte vemos refletido nas políticas públicas voltadas para a educação. A recente Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) repactua a ênfase de competências cujo *design* deu-se pelas demandas de capital humano projetado pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), responsável por criar o conhecido *Programme for International Student Assessment* (PISA). Não é sem sentido que a BNCC, ao esposar compromisso com as designadas “aprendizagens essenciais”, incensa loas à “competência”, à “adaptação”, à “habilidade” e à “atitude”, plataformas incontornáveis e, ao mesmo tempo, necessárias à formação dos sujeitos que o mercado almeja e o neoliberalismo demanda (CARVALHO, 2020).

Não obstante, o mesmo cenário se descortina nos programas de produção de subjetividades úteis provisionados pelas Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), Redes Transnacionais de Influência (TANs), *think tanks* e demais associações que pretendem exercer uma ascendência na elaboração de políticas públicas ou na participação de sua implementação no ensino fundamental do sistema público.

No Brasil, instituições como a Fundação Itaú Social, o Instituto Ayrton Senna, o Instituto Natura e a ONG Todos pela Educação seguem a tendência das redes políticas surgidas no contexto do neoliberalismo, inclusive fomentando tais redes. Esse tipo institucional urde projetos capazes de melhor desenvolver competências essenciais à racionalidade neoliberal.

A produção semiótica<sup>3</sup> contemporânea, da qual as estratégias formativas fazem parte, obedece a uma lógica perfeitamente racional e eficiente, embora sub-reptícia à máquina de sentidos vigentes a funcionar como “método de assujeitamento aos enunciados e às significações dominantes” (GUATTARI, 2012, p. 444). Por meio da linguagem, que abarca a expressão humana, seja ela verbal ou não, comunica-se, informa-se e dá-se forma, modela-se a apreensão do mundo (*Umwelt*); codificam-se as possibilidades, sujeitam-se as sociedades e o aprendizado e, finalmente, cria-se o contexto para a servidão maquínica (GUATTARI, 2011 b).

Como máquinas conjugadas que produzem agenciamentos, essa dinâmica entre Estado e instituições privadas pode sobrecodificar a linguagem por meio de palavras de ordem e produzir bloqueios a todo o tipo de criação ou pensamento divergente à codificação dominante. Entendemos que, a essa máquina abstrata de sobrecodificação que “define uma segmentaridade dura, uma macrossegmentaridade”, é possível opor uma “máquina abstrata de mutação que opera por descodificação e desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 a, p. 113).

É fulcral levar essa conjuntura a um exame analítico, ajudando-nos a abrir uma linha de pensamento cujas interrogações acerca das transformações contemporâneas precisam ser objeto de problematização. Tanto é que o pesquisador italiano Berardi (2020), ao relacionar possíveis modos de resistência ao capitalismo financeiro, evoca a insurreição da linguagem, o que faz por evidenciar que “a lógica conectiva penetrou e remodelou a linha semiótica de trocas até o ponto em que as moléculas sociais se tornaram incapazes de conjunção,

---

<sup>3</sup> Para efeito de síntese, referimo-nos aqui a como Carvalho (2018, p. 33), interpretando Guattari, refere-se: “semiótica como o fluxo manifesto de qualquer signo sob o qual há uma pressuposição recíproca de expressão-conteúdo [...] produzindo [para os sujeitos] um tipo determinado de sensibilidade e de sociabilidade”.

incapazes de acessar o domínio sensorial da conjunção” (BEDARDI, 2020, p. 177). Não sem assombro e sem precedentes, Berardi (2020, p. 178) faz prevalecer o seguinte prognóstico:

em um ambiente de impulsos puramente funcionais, o agente da linguagem passou por uma privação sensorial, um empobrecimento psíquico dos reflexos afetivos. Formado em um ambiente digital, acostumado a reagir a mudanças discretas e quantificáveis de estado, o indivíduo tende a perder sua sensibilidade às nuances da existência e à ambiguidade da comunicação conjuntiva.

Conscientes desse cenário, indagamo-nos: como seria possível que experiências de formação subjetiva, ainda que no âmbito da educação, afluíssem no sentido contrário àquelas da ordem das cristalizações semióticas e das sobrecodificações de linguagem que empobrecem a psicofera subjetiva? Quais consequências poderiam advir dessas experiências, desde que outras políticas de sensação, de afectos, de relação com a linguagem e com a comunicação pudessem emergir? Em que medida é possível experimentar a experiência de outra relação com a linguagem, no caso da investigação aqui levada a bom termo pela literatura, a fim de extrair dela outras invenções subjetivas, porém, que não sejam meras panóplias da semiótica dominante? Afinal, já não podemos perder de vista aquela região incontornável que se assombra à nossa finitude existencial, limitando-a ou expandindo-a:

Que a literatura de nossos dias seja fascinada pelo ser da linguagem: isso não é nem o sinal de um fim nem a prova de uma radicalização: é um fenômeno que enraíza sua necessidade numa bem vasta configuração em que se desenha toda a nervura de nosso pensamento e de nosso saber (FOUCAULT, 1999 b, p. 531).

A partir de uma pesquisa realizada com alunas e alunos leitores, oportunizados a experimentar, fora do circuito da demanda de formação curricular nas escolas públicas, sensações, percepções, afetações e linguagens exteriores aos estratos impositivos e funcionais das “competências” literárias, este artigo aprofunda a investigação do coeficiente teórico responsável por tal experiência. Ao fazer isso, o artigo constrói caminho analítico para que outras experiências educacionais sejam pensadas, criadas e executadas na direção de se fornecer, se não respostas, ao menos, no sentido de Guattari (2009), novas tomadas de conhecimento sem mediação de servilismo; agenciamentos micropolíticos de confrontação às topografias de assujeitamento subjetivo sistemático e, não menos importante, deflagração mínima de uma educação comprometida com o cuidado da singularidade humana, no sentido que a criação estética presume (BARCENA, 2004; BERARDI, 2020).

Para tanto, privilegiamos a concepção de acontecimentos (DELEUZE, 1974) e de microrrevolução do desejo (GUATTARI; ROLNIK, 1996; GUATTARI, 2012 a e 2013). Por seus intermédios, acolhemos a literatura como um monumento de perceptos, de afectos e blocos de sensações que não devem ser interpretados, mas, sim, experimentados. A hipótese que orienta a produção teórica em curso sustenta que, ao se gerar experimentações por meio da máquina de expressão literária, a semiotização dominante escapa ao controle das demandas

dos sistemas de formação capitalísticos. Em jogo encontra-se a possibilidade da produção de uma microrrevolução do desejo que, desde o experimentar a literatura, produz linhas singulares ou “pontas de desterritorialização”, nos termos de Deleuze e Guattari (2003, p. 144), potentes o suficiente para deflagrar tentativas de saídas da subjetividade predeterminada (GUATTARI, 2001).

Ao cabo, sustentamos que à comunicação, à interpretação e ao controle da informação é possível opor a sensação, a arte e, mais especificamente, a literatura, como uma escolha que não parte de um recorte perfeitamente científico, pelo menos não quanto ao saber científico da ciência régia, de Estado, funcional aos programas oficiais de mercado, mas de um desejo de acontecimento. Com efeito, será a partir do acontecimento que seremos capazes de aproveitar-nos das microfissuras, e produzir, nos dizeres de Dosse, “mudanças imperceptíveis, tênues, moleculares, que pouco a pouco fazem explodir o suporte das uniões, das identidades e das certezas” (2010, p. 357). Tudo isso terá lugar em três patamares distintos do artigo, seguidos pelas considerações finais<sup>4</sup>.

## 2 ACONTECIMENTO E MÁQUINAS DE GUERRA

Em *A fera na selva* (1993), Henry James apresenta-nos uma situação na qual dois personagens ingleses, John Marcher e May Bartram, encontram-se em uma festa muitos anos após conhecerem-se casualmente na Itália. Nesta segunda ocasião, acostumado com a vida que levava, com a “vida que todos no momento aparentavam levar” e na qual “não se podia senão aceitar as coisas como elas aconteciam” (JAMES, 1993, p. 34), John Marcher descobre haver confidenciado à sua interlocutora uma sensação que carregava dentro de si e que jamais fora capaz de dividir com outra pessoa novamente.

– Bem, alguma coisa que eu tenho que esperar. Tenho que encontrar, que enfrentar, ver de repente irromper na minha vida. Provavelmente destruindo qualquer consciência posterior, provavelmente me aniquilando. Provavelmente, por outro lado, apenas alterando tudo, atingindo a raiz do meu ser e me deixando entregue às consequências, seja qual for a forma que elas assumirem (JAMES, 1993, p. 39).

Daí em diante, Henry James coloca-nos em uma linearidade temporal exemplar, na qual, entretanto, nada acontece, a não ser trivialidades a preencher a vida de ambos. Entrementes, após muitos anos desde o segundo encontro que os une definitivamente, um diálogo revela um descompasso entre ambos:

---

<sup>4</sup> Este artigo compõe resultado preliminar do projeto de pesquisa *Pensar Educação com Félix Guattari: da máquina escolar à microrrevolução do desejo* – FAPESP – PROCESSO 2020/04174-7

– Esperar que aconteça a coisa que nunca acontece? Que a fera dê o seu bote? Não, sobre isso eu estou onde estava. Não é uma coisa sobre a qual eu possa escolher, possa decidir que mude. Não é uma coisa que possa ser mandada. Está no colo dos deuses. Estamos entregues à própria lei: aí estamos. Quanto à forma que a lei vai assumir, de que maneira vai se impor, isso corre por conta dela própria.

– Bem – respondeu Miss Bartram. – É claro que nosso destino está se cumprindo, é claro que se cumpriu com sua forma própria e à sua maneira o tempo todo. Só você sabe que a forma e a maneira no seu caso eram para ter sido... Bem, alguma coisa de muito excepcional e, pode-se dizer, muito particularmente sua (JAMES, 1993, p. 47).

John Marcher ainda espera por algo que May Bartram percebe já haver acontecido. Enquanto ele repete o refrão “não há nada a fazer” e sente-se preso a um impasse do qual somente conseguirá sair se continuar esperando, ela dá-lhe sinais de que algo aconteceu sem que ele tenha sido capaz de perceber.

A personagem masculina de Henry James em *A fera na selva* nos é exemplar ao tema do acontecimento, mais especificamente à não diferenciação do acontecimento, pois encontrava-se preso à impossibilidade de escolhas e à ideia de que nada restava a fazer a não ser esperar.

Para além da literatura, Deleuze e Guattari (2011 b, p. 94) consideram que os “principais estratos que aprisionam o homem são o organismo, mas também a significância e a interpretação, a subjetivação e a sujeição”. E ao que se deveria a prisão do “não há nada a fazer” desse personagem senão à significância e à interpretação, essas linhas duras e mortíferas devotadas a “garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal?” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 a, p. 73). Como explicar que John Marcher não conseguisse ver o que lhe acontecia, durante toda a sua vida, se não fossem a significância e a interpretação barrando-lhe, a todo o tempo, outra possibilidade de percepção que não estivesse ligada à cognição, ao seu modo de pensar e interpretar os eventos ocorridos em sua vida?

O acontecimento tão esperado pelo personagem não é figuração do plano ficcional. Todo acontecimento resulta de multiplicidades e miríades de acontecimentos reais. Eles “se efetuam em nós, e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem sinal” (DELEUZE, 1974, p. 151). Outrossim, segundo Deleuze (1974, p. 09), o acontecimento “é coextensivo ao devir”. Ocorre que não há devir na espera, não há devir se não criarmos linhas de fuga, se não sairmos do mesmo e operarmos desterritorializações, se não abandonarmos os estratos que compõem o plano de organização segmentarizado por nossas funções e atividades: ler, brincar, estudar, trabalhar, habitar e...

Se estivermos de acordo com a semiotização dominante, com a mundialização da educação como mercado e com as implicações de um e de outro, não precisamos percorrer a linha a ser criada enquanto avançamos. Basta esperarmos que nada aconteça, espécie de síndrome de John Marcher. Se, pelo contrário, decidirmos prosseguir, precisaremos estar atentos, pois o “acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera [...] ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (DELEUZE, 1974, p. 152). O acontecimento é como um livro que, fechado em si, contém todas as histórias jamais escritas e que, no entanto, só quando aberto terá seus caracteres ordenados em uma história singular pelos olhos de quem o lê. “Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido” (DELEUZE, 1974, p. 23). Assim, compreendemos que o acontecimento não estará no sentido da história dentro do livro, mas na escolha e no ato de retirar o livro da prateleira, dar-lhe vida, torná-lo em estratégia de afectação.

Se quisermos, portanto, que algo diferente aconteça, será preciso “suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos” (DELEUZE, 1992, p. 218). Tensionados estariam, assim, por linhas de fuga: a imprensa, a família, os aparelhos da máquina estatal, as novas redes políticas e as bobinas de reposição das políticas educacionais que funcionam como soberanos a ordenar a servidão do pensamento funcional, espécie de xeque-mate à “capacidade crítica do cérebro social”, como defende Berardi (2020, p. 197).

Ora, linhas de fuga são devires-nômades. Elas nos remetem às desterritorializações constantes, pois os nômades são aqueles que, por não fazerem parte de um Estado, mais do que ocupar um território, ocupam-se de itinerar, de experimentar as possibilidades de um território. O pensamento nômade é distinto do pensamento de Estado, o velho pensamento sedentário, pivotante, de burocracia paquidérmica e escudada nas leis punitivas contra qualquer experimentação. Enquanto aqueles pensam em seguir, este pensa em reproduzir e executar; enquanto o Estado se fixa no território e o coloniza, o nômade deambula. São diferentes formas de estar no mundo, de perspectivá-lo e de desejá-lo.

Os aparelhos de Estado que colmatam as linhas de fuga, entretanto, estão instalados nos mesmos estratos em que devem ser instauradas as máquinas de guerra. São elas que vão garantir que fluxos laminares escapem a essas estruturas que os retêm e passem a circular sem pontos de partida e de chegada, segundo movimentos turbilhonares.

Se dizemos que as máquinas de guerra devem ser instauradas nos estratos em que estão os aparelhos de Estado é porque temos em mente, a partir do que Deleuze e Guattari (2012 a, p. 104) assumem, que “as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias dos sexos, de classes, de partidos”. Assim, caberão às máquinas de

guerra não se deixarem apropriar ou serem parasitadas pelas boas intenções do Estado, justamente para manterem sua estrangeiridade relativamente a ele.

Essa estrangeiridade é característica fundante desse agenciamento que não é, de forma alguma, uma metáfora. Nesse caso, a máquina de guerra possui vários plexos: “um movimento artístico, científico, ‘ideológico’, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em relação com um *phylum*” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 c, p. 117). Com efeito, se agenciarmos estratégias condizentes com tal perspectiva, toda criação pode ser uma máquina de guerra.

Lévi-Strauss (2016) testemunhou como os povos Nambiquaras, por agenciamento das catas e das buscas, associavam a segurança da vida sedentária à enfadonha repetição de atos idênticos, ao passo que o nomadismo, a despeito da imposição da insegurança, era celebrado com excitação e no tom exaltado da descoberta. Se o Estado controla os acontecimentos para barrá-los, no nomadismo, os acontecimentos superam a redundância, os decalques e as cristalizações dos poderes, abrindo picadas para os devires, sem consentimento à estabilidade.

Considerar a literatura como experimentação é tomá-la como pensamento nômade. Numa vertente, porque “pensar é experimentar, é problematizar” (DELEUZE, 1988, p. 124), sem desprezar o fato de que experimentar é anunciar outras medidas de valores, por sua vez, diferentes daquelas dos poderes dados. Em outra vertente, porque a experimentação é um atrator de valores sempre nômades: “valores diversos, heterogêneos, dissensuais” (GUATTARI, 2013, p. 496), operando transversalidades que embaralham a *pax romana* do sedentarismo.

No caso do momento atual pelo qual a grande área da Educação vem passando, padecendo, sobretudo, pela influência das atuais redes políticas de solapamento de toda experimentação subjetiva, considerar as experiências educativas como experimentação nômade, ao que nos parece, nos convoca à sensibilização dos acontecimentos a partir dos quais seria possível instigar a produção de máquinas de guerras. Para tanto, apresentamos a experiência com a literatura como máquina de guerra contra a maquinaria pesada do Estado, bem como em oposição à máquina de semiotização do capital.



### 3 A LITERATURA EM FUNÇÃO DA MÁQUINA DE GUERRA E DO NOMADISMO

Berardi (2020), Guattari (2012 a) e Sloterdijk (2012) fazem-nos pensar que a modelização subjetiva, a partir da educação de massa e de seus agenciamentos de produção semiótica, vem sofrendo alterações consideráveis. Tais alterações podem ser compreendidas como resultado de uma maquinaria capitalista que tende a desterritorializar os processos da educação para além dos aparelhos estatais, compartilhando a função educativa do Estado por meio de uma rede política, de modo a intensificar a influência da esfera econômica e direcionar a eficiência do capital humano às necessidades cambiantes do mercado.

Face a tal cenário, doravante pautaremos o argumento na direção analítica de novas possibilidades de experiências com o acontecimento-educação visando a uma transversalidade de agenciamentos afetivos, por seu turno, implicados em metamorfosear o desejo no lugar de submeter todas as relações humanas às funções econômicas da maquinaria do capital.

De imediato, é preciso considerar que sem agenciarmos outra máquina de expressão, também capaz de evocar viagens “feitas sem movimento relativo, porém em intensidades, sem sair do lugar” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 c, p. 55-56), nada disso é possível. No caso privilegiado desta pesquisa, a busca por outras velocidades e lentidões próprias, inclusivas ao nomadismo e à sua máquina de guerra, foi a literatura. Localizaremos, entretanto, tal empreendimento fazendo contraposição ao uso como a literatura é reduzida a ferramenta passiva e instrumental comumente empenhada no Ensino Médio.

Palavras de ordem e de redundância são, como sabemos, constituintes dos equipamentos escolares, pois, como recordam Deleuze e Guattari (2012 c, p. 32),

um equipamento é feito para funcionar, não para ser construído socialmente: desse ponto de vista, o Estado só chama para construir aqueles que são pagos para executar ou dar ordens, e que são obrigados a seguir o modelo de uma experimentação pré-estabelecida.

A escola é sempre um equipamento social e, como tal, equipamento coletivo de subjetivação (GUATTARI, 1989 e 2011 a). O equipamento social é uma espécie de “máquina de assujeitamento semiótico para selecionar, modelar uma elite adaptada às semióticas de poder, ao estilo e às atitudes de futuros quadros”, que, entretanto, também pode funcionar, em certas circunstâncias, como registro de lutas de desejo e emersão de agenciamentos coletivos de enunciação<sup>5</sup>. Via de regra, porém, ela busca conveniências para seu funcionamento como equipamento social. A mesma indagação direcionada à literatura, nessa

---

<sup>5</sup> Um bom exemplo deste tipo de análise é proposto por Carvalho e Gallo (2016). Os autores consideram como a escola é capaz de produzir outro equipamento social e coletivo, a partir da análise das ocupações das escolas da rede pública de São Paulo pelos estudantes, em 2015.

situação, poderia ser destinada a qualquer disciplina escolar: onde encaixar a literatura e qual sua utilidade em meio aos agenciamentos territorializantes do aparelho estatal escolar?

Como já não é possível determinar com exatidão a utilidade da literatura à atual sociedade cuja veridicção está no mercado financeirizado (CARVALHO, 2020), o Estado atribui-lhe utilidades provisórias, sejam elas intrínsecas ao currículo ou concernentes ao enriquecimento do capital humano, que deverá ser avaliado segundo exames e testes padronizados.

Quando nos referimos às utilidades intrínsecas ao currículo, queremos dizer que a literatura, máquina abstrata de mutação, é usada pela máquina sobrecodificadora do Estado como ferramenta para exercícios gramaticais ou como subsídio para o estudo da história da literatura e seus períodos. Daí a lógica do círculo vicioso: parte-se do Quinhentismo e do Barroco, passando pelo Parnasianismo, até chegar ao Modernismo, etc., reafirmando a territorialidade do aparelho escolar, cuja redundância de signos é causa e efeito para que o conteúdo *insignado* ao aluno, ou seja, reduzido ao signo da semiótica sedentária, tenha alguma validade apenas dentro da segmentaridade escolar.

Essa espécie de consumo da literatura aferra-se em interpretar o que já está produzido, a fim de construir uma semiótica significante que, portanto, opera por redundâncias. À exaustão, resulta que a leitura literária se torna prática mecânica por meio da qual não são agenciadas forças potentes o suficiente para a produção de afetações novas, de enriquecimento subjetivo, de ensaio de devires, de processos de singularização e de desterritorializações. Ao mecanizar suas práticas, a escola prioriza processos formativos que mantêm relações estreitas com o plano de decalques de sua organização segmentarizada. Logo, o uso da literatura nessa funcionalidade repele e tampona as possibilidades de experimentação.

Uma relação não mecanizada poderia ser obtida caso a máquina de expressão literária fosse agenciada segundo uma ciência nômade, para a qual “a matéria nunca é uma matéria preparada, portanto, homogeneizada, mas é essencialmente portadora de singularidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 c, p. 37). Equivale à ciência nômade a perspectiva de uma ciência menor que, como deixaram claro Deleuze e Guattari (2012 c, p. 31), “não se representa, engendra-se e percorre-se”; ela opera por devires e por heterogeneidades, opondo-se ao estável, ao eterno, ao idêntico e ao constante.

Ocorre que essa ciência menor não para de ser barrada pelos ofícios da ciência de Estado, que se ocupa em reproduzir, e não em itinerar e experimentar; que se ocupa em criar funções, cristalizações, um tipo de estabilidade que está mais próximo do sedentarismo do que de qualquer movimento e de qualquer devir. A ciência nômade que temos em mente, entretanto, não interpreta, não limita, não tem origem nos espaços estriados do aparelho

escolar sedentário, com seus bloqueios e suas interdições aos movimentos e aos pensamentos, mas interfere nos estriamentos, nas segmentaridades produzidas pelo aparelho de Estado estratificado e estratificante. Segundo essa possibilidade, não seria desejável interpretar um texto literário, determinando pontos de partida e de chegada. Ela está muito mais próxima da premissa encontrada nas primeiras páginas de *Mil platôs*:

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não faz passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua (DELEUZE; GUATTARI, 2011 a, p. 18).

É por concordarmos com essa ideia que desejamos distanciar o estudo da literatura dos procedimentos reprodutores, indutivos ou dedutivos da ciência régia do aparelho de Estado e aproximá-lo dos procedimentos da ciência nômade que, tomando a literatura por objeto, permitem a produção de pensamentos não por funções, mas por blocos de sensações, por perceptos e por afectos: um monumento de sensações.

Esse monumento atemporal não remete a uma realidade paralela ou a uma virtualidade, mas é um possível, pois é devir. É a partir daí que emerge a possibilidade de resistência, levada adiante por estratégias semelhantes às das máquinas de guerra, assim como a deambulação imanente ao nomadismo, e que os afectos, os quais não são um sentimento pessoal ou uma característica, mas “a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 b, p. 22), podem emergir. No eu vacilado, o Eu, forma nominável da grande identidade, deixa de ser uma substância enraizada e entra em devir, distancia-se das filiações e aproxima-se das coletividades moventes.

Se ainda há pouco argumentávamos que a literatura é usada nas escolas como ferramenta para exercícios que servem à sobrecodificação da linguagem e, já agora, aproximamos a literatura das estratégias e da máquina de guerra, é porque tudo depende dos agenciamentos usados para colocar a literatura em funcionamento, para maquiná-la em função de sobrecodificações ou de mutações.

Efetivamente, a literatura aproxima-se de ser uma ferramenta estático-estatal se o agenciamento que a coloca em funcionamento for do tipo máquina de trabalho, máquina de trabalho precarizado. Inclusive, poderíamos dizer que, atualmente, se trata de se maximizar a educação com preparo, sobretudo, para que o estudante adentre na esfera de subjetivação do empresariamento de si mesmo<sup>6</sup>. Contudo, se compreendermos a arte, e nela incluída a literatura, como um monumento de sensações constituído por perceptos e por afectos, ela

---

<sup>6</sup> Indicamos o texto de Carvalho (2020) acerca da análise de como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) devota parâmetros formativos à referida perspectiva aqui enunciada.

também pode estar próxima de experimentações que se distanciam, por completo, daquela referida perspectiva.

A literatura tem sido, todavia, reduzida a mera função de enriquecimento do capital humano cuja eficiência do aprendizado será verificada em testes padronizados, como os solicitados pelos organismos internacionais multilaterais.<sup>7</sup> Segundo essa modelização, a literatura ainda é uma ferramenta dirigida a um agenciamento de produção serializada de subjetividades a serviço do capital financeiro. Mas ao contrário dessa condução, os afectos experimentados pela literatura podem contribuir para uma dessubjetivação em relação aos atuais sistemas de ordenação, assim como para ativarem-se outros modos de semiotização, tal como mencionava Guattari (1996). Por meio da sensibilidade estética e em favor de outras formas possíveis de percepção e de relação com o mundo, instigar-se-iam desvios à funcionalidade sobrecodificadora da linguagem comunicadora de palavras de ordem.

Onde melhor encontrar as indisciplinas que trabalham a linguagem senão na arte, senão na literatura, na poesia? Generalizar o posicionamento de Guattari (2009, p. 117, acréscimos nossos), quando ele menciona a poesia, nesse sentido, para a literatura, não seria inconveniente: “Eu considero a poesia [literatura] como um dos componentes mais importantes da existência humana. Deveríamos prescrever a poesia [literatura] como as vitaminas”. Se é assim é porque a arte literária não está fechada a uma pré-significação, a uma cadeia significante de conteúdo, e não há nela uma relação de pressuposição entre conteúdo e expressão ou significado e significante sedentários.

#### **4. MICRORREVOLUÇÃO DO DESEJO PELA LITERATURA**

A máquina abstrata do capital, ao diminuir as barreiras e os estriamentos em favor da livre circulação desejada pelo capitalismo mundial integrado, provoca um soterramento no território da educação por meio das novas redes políticas e acaba por criar uma fissura inesperada que pode ser uma importante brecha por onde fazer escapar linhas de fuga contra modos de percepção cristalizados.

Essas brechas ocorrem porque, apesar das distinções que até aqui fizemos, não há diacronia entre os agenciamentos do maquínico e do coletivo de enunciação. No agenciamento do tipo máquina de guerra que temos em mente, além do seu componente maquínico de desejos, interessa-nos o agenciamento coletivo de enunciação, pois as transformações incorpóreas que ele agencia também contribuem para mutações pessoais, sociais, além dos componentes perceptivos de tempo e espaço (GUATTARI, 1985).

---

<sup>7</sup> Referimo-nos, por exemplo, ao *Programme for International Student Assessment (Pisa)*, um programa internacional criado pela OECD, cujo objetivo é o acompanhamento das aquisições programáticas pelos alunos.

Mas desde o início da Revolução Industrial, um dos objetivos do aparelho educativo foi a intensificação da utilização racionalizada e burocrática da eficiência subjetiva, adequada a um sistema produtivo igualmente eficiente (FOUCAULT, 1999 a). A partir de então, a linguagem não poderia delirar na educação e tampouco a educação poderia delirar com outras linguagens: ela deveria ser sedentarizada para ser mais bem controlada. Um ritmo semiótico sedentário se impôs.

Se insistimos quanto à importância da literatura como experiência nômade é porque ela forja um bloco de sensações no qual as relações espaço-temporais não se regem de acordo com os fluxos das cristalizações sedentárias, porém, de acordo com as intensidades que seus afectos produzem. Referidos afectos não são determináveis segundo uma relação de troca. Muito menos é investindo-se em uma quantidade determinada de minutos, de horas ou dias de leitura que eles produzirão acontecimentos. Tampouco é possível saber, inclusive, se algum efeito surgirá a partir deles, pois carregam um elevado grau de indeterminação, como é peculiar a toda experimentação nômade. Requer dizer, portanto, que na literatura o “que importa, primordialmente, é o ímpeto rítmico mutante de uma temporalização capaz de fazer unir os componentes heterogêneos de um novo edifício existencial” (GUATTARI, 2006, p. 32). É em busca desse movimento que consideramos importante agenciar a poesia, a literatura, a função poética da literatura como estratégia que, como sabemos, quase não tem sido possível realizar com os jovens do Ensino Médio, dada a função das interdições, dos direcionamentos e do controle que o Estado exerce sobre as práticas educativas.

O corte vital, contudo, nas estruturas que mumificam as experiências com educação no plano do Estado não se ocasiona sem que a experiência com a literatura faça composição com a microrrevolução do desejo, pois a literatura já prenuncia uma sensibilidade estética que “desacelera processos de interpretação e torna a decodificação aleatória, ambígua e incerta, e, assim, reduz a eficiência competitiva do agente semiótico” (BERARDI, 2020, p. 85). Em outras palavras, ela pode modificar o ritmo de concatenação da máquina abstrata do capital e, por extensão, alterar a produção semiótica da governamentalidade neoliberal transpassada pelo culto à performance das competências planejadas. De maneira mais contundente, não se trata de “transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência” (GUATTARI, 2006, p. 31 e 32).

Entrementes, ainda estamos em um plano virtual, entre as possibilidades infinitas da linguagem. Não obstante, a literatura, da forma como argumentamos, ainda não pasteurizada segundo as imposições de um mercado, não é um fim, mas uma máquina de mutação capaz de provocar alterações menores. Ela faz parte do que Deleuze e Guattari (2012 a, p. 63 e 64) compreendiam ser a arte:

um instrumento para traçar as linhas da vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem rosto.

É por ser instrumento para traçar as linhas da vida que podemos pensar em uma revolução molecular, ou em uma microrrevolução do desejo, porquanto na arte não há agenciamentos despóticos determinando os desejos e, também, porque produz linhas de fuga cujas desterritorializações promovem alterações que extrapolam o virtual. Agenciar a literatura como variação nômade de sensações não é o mesmo que ensinar segundo uma apostila ou um livro didático, uma cartilha, uma gramática, uma regra matemática. Os temas misturam-se. Por meio dela é possível se forjar outras narrativas para se falar das relações humanas, dos amores e dos rompimentos de laços, da história, suas injustiças e explorações, da morte e de tudo o que pode ser infinitamente abarcado pelo viver. Esse ato de fala só é significativo, nesse caso, porque há alguém com quem compartilhar as experiências e torná-las expressivas. Se algo for produzido, se algum conhecimento for alcançado, não será segundo uma reprodução, não será fazendo como alguém determinou que fosse feito, mas com alguém (DELEUZE, 2003 e 2006).

Ao apresentar um livro aos estudantes do Ensino Médio, não perguntaremos, pois, para que serve aquele objeto, o que seu conteúdo quer dizer, mas teremos em mente se ele funciona por intensidades, se faz rizoma, se incita a subjetividade a experimentar-se. Tudo depende das conexões que o livro venha ativar e como o faz. Nesse caso, a literatura não é funcional, é maquínica e agenciadora coletiva de devires.

Ainda assim, por se tratarem de agenciamentos coletivos, mesmo os adolescentes que acaso possam não ser afetados de forma alguma pelos textos podem ser atravessados pelas discussões que as leituras provocam quando lidas em grupos de dez ou até quinze alunos<sup>8</sup>, o que lhes permite pensar a partir de sensações e coletivamente.

É por isso que a leitura dos textos não deve ocorrer de forma mecânica, com o objetivo de produzir um resultado formatado, pois reduzir-se-iam as possibilidades de experimentar por sensações, por perceptos e afectos. Isso, por si só, indica o coeficiente da microrrevolução do desejo. A partir de toda heterogeneidade percepto-afectiva possível de potência, a partir das possibilidades de leitura e dos agenciamentos criados por meio de discursos indiretos, alterações, partilhas de impressões e microalterações perspectivísticas, também se movem outras linhas de desejo. Em jogo estão “todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 215 e 216). Entendamos,

---

<sup>8</sup> Referimo-nos a experiências como os Círculos de Leitura (COSSON, 2018).

portanto, que essas microalterações podem fazer vacilar os muros das certezas que insistem em condicionar o que pensamos, o que fazemos e o modo de ser em territórios já demarcados.

Escorados no cenário da microrrevolução do desejo, a literatura passa a não representar nada, ao contrário, ela desmonta a representação ao criar. Com ela, assim como em toda a ciência nômade, engendra-se, percorre-se. Mais ainda, como tudo no nomadismo, a experiência com literatura passaria a evitar as linhas de Estado e de estratos. Mas isso só é plausível por alterações que surgem a partir de pensamentos e experiências a emergir como acontecimentos; são catálises, efeitos de descargas rápidas de emoção que alteram molecularmente as estruturas do edifício existencial, que partem do coletivo como se fossem de dentro para fora, visto que são singulares, e agem sobre a capacidade de se perceber o mundo.

No momento em que surgem esses acontecimentos como efeitos do que se experimentam, as narrativas não são mais compreendidas apenas como histórias inventadas, elas são percebidas como universos de possíveis, como vidas possíveis, ou, no registro de Guattari (1989), como territórios existenciais. Cria-se, então, um importante paralelo a partir do agenciamento maquínico com a leitura: à medida que é possível perceber as narrativas como vidas possíveis, o mesmo ocorre às próprias linhas de vida, que passam a ser narrativas a serem construídas, e não algo codificado que deve ser interpretado seguindo-se um modelo qualquer. Ao cabo, a questão é justamente essa:

pôr a micropolítica por toda parte: em nossas relações estereotipadas de vida pessoal, de vida conjugal, de vida amorosa e de vida profissional, nas quais tudo é guiado por códigos. Trata-se de fazer entrar em todos esses campos um novo tipo de pragmática: um novo tipo de análise que corresponda, de fato, a um novo tipo de política (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 135).

Estabelecem-se, a partir daí, novas condições para ocuparem-se os espaços que nos rodeiam e que podemos criar ou transformar, bem como surgem diferentes formas de nos relacionar no dia a dia, ou seja, a possibilidade de produzir a microrrevolução de que falamos.

## 5 EDUCAR É ECLODIR O DESCONHECIDO – CONSIDERAÇÕES FINAIS SEM MONOLINGUISMO

Educar é eclodir o desconhecido. A literatura tem em sua razão de ser apresentar sempre o desconhecido. A própria forma literária é o desenrolar do desconhecido, do suspense que demanda tempo para ser atravessado; a literatura exige de nós a entrega às sucessivas passagens, sempre seguidas de necessárias paragens. Paralelamente, educar e ler são experiências com o desconhecido; educar e ler demandam de nós o criar conexões com o desconhecido que, uma vez dado à luz, se transforma em senda para outro desconhecimento.

O que buscamos neste artigo foi apresentar componentes teóricos que fazem da experiência com a literatura um território de saída para a experimentação com o desconhecido. Destacamos, de modo perpassado, como a incitação à produção subjetiva fora da regularidade das demandas *on sale* do Estado exigem que a educação saia do campo das certezas fáceis. Ainda que não seja exequível abandoná-las de chofre, as incertezas são componentes incontornáveis de todas as tentativas de se educar para a máquina de guerra. Nesse caso, cabe-nos, então, tratar as certezas a golpes de velocidade e lentidão, de perceptos e afectos.

Não pretendemos afirmar que agenciamentos do tipo máquina de guerra são as únicas formas possíveis de descristalizar os desejos e de incitar a subjetividade a forjar modos de ser em outros planos e com outras consistências. Queremos deixar claro, à maneira de nômades que ocupam um espaço não delimitado e não se deixam territorializar definitivamente, que é possível ocupar um espaço fronteiro entre a ciência régia e a ciência nômade, colocando-as em relação para que se influenciem mutuamente.

Ao problematizar esses agenciamentos, ao nomadizar a literatura e diferenciá-la como estratégia de afectos possíveis, a partir de uma máquina de guerra e de monumentos de sensações criados pela arte, queremos deixar claro que se reconhecermos um acontecimento no advento das redes políticas, por meio das quais podemos aumentar a participação da literatura na formação escolar, será possível provocar microrrevoluções do desejo atinentes à criação que contesta a ordem reinante de como o mundo (*Umwelt*) deve ser valorado e apreciado.

A nosso ver, essa revolução molecular, à medida que propõe a experimentar o desconhecido, torna-se de sobremodo potente para criar zonas de colapso na modelização subjetiva neoliberal que se dá por meio da educação. Ela também é suficientemente potente para desestabilizar as certezas que nos mantêm distantes de nossas linhas de fuga. Enfim, a revolução molecular não deixa de nos aproximar dos processos de singularização necessários às nossas diferenças subjetivas.



É possível que a convergência de nossa proposta ecoe nos termos de Skliar (2014, p. 204), dando-nos a pensar no que gostaríamos de concernir à educação:

De certo modo, educar também tem a ver com uma conversa entre desconhecidos: desconhecidos novos – os que chegam ao mundo, os que entram nele; desconhecidos anônimos – os que já estão ali, mas com os quais nunca conversamos – e os desconhecidos diferentes [...] Mas em que língua? Com quais palavras? Para fazer o quê?

Tendo isso em mente, por outro lado, não percam os múltiplos signos possíveis de inventar e de explorar uma “língua” desconhecida com palavras nômades e para um “fazer o quê” em permanente inventividade. O importante, desde a literatura, “talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 217). Em questão não estariam possibilidades de sentir e de experimentar para além das modelizações de comportamentos e dos monolingüismos?

## REFERÊNCIAS

BÁRCENA, Fernando. **El delírio de las palabras**. Ensayo para una poética del comienzo. Barcelona: Herder, 2004.

BERARDI, Franco. **Asfixia** – Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. São Paulo: Ubu, 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Da semiótica capitalista à estética esquizopolítica: Guattari e o lugar da invenção de si mesmo na microrrevolução do desejo. **Prometeus**, São Cristóvão, SE, ano 11, n. 26, p. 25-44, jan./abr. 2018.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Foucault e o neoliberalismo de subjetividades precárias: incidências na escola pública brasileira. **Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 3, p. 935-956, set./dez. 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Silvio Donizete de Oliveira. Des lycéens se constituent em groupe sujet et reviennent une confiance politique. Le cas des écoles de l'État de São Paulo au Brésil. **Révue Internationale d'Éducation de Sévres**, Tours, v. 72, p. 137-146, set. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)  
Acesso em: 20 dez. 2020.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**. Por uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v1**. São Paulo: Editora 34, 2011 a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v2**. São Paulo: Editora 34, 2011 b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v3**. São Paulo: Editora 34, 2012 a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v4**. São Paulo: Editora 34, 2012 b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v5**. São Paulo: Editora 34, 2012 c.
- DOSSE, François. Deleuze dialoga com a criação. In: **Gilles Deleuze & Felix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 354-377.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999 a.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 b.
- GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- GUATTARI, Félix. **Cartographies schizoanalytiques**. Paris: Galilée, 1989.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUATTARI, Félix. **La philosophie est essentielle à l'existence humaine**. Paris: L'Aube, 2001.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose, um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GUATTARI, Félix. **Les années d'hiver**. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2009.
- GUATTARI, Félix. **Lignes de fuites**. Pour un autre monde de possibles. Paris: L'Aube, 2011 a.

GUATTARI, Félix. **L'inconscient machinique**. Essais de schizo-analyse. Paris: Éditions Recherches, 2011 b.

GUATTARI, Félix. **La révolution moléculaire**. Paris: Les Prairies ordinaires, 2012.

GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce l'écologie?** Paris: Lignes/IMEC, 2013.

HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF, 2020.

JAMES, Henry. The beast in the jungle. In: JAMES, Henry. **The beast in the jungle and other stories**. New York: Dover Publications, 1993.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem - Educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Liberdade, 2012.

**Revisão gramatical realizada por:** Jocelaine Aparecida Santucci

**E-mail:** [josantucci22@gmail.com](mailto:josantucci22@gmail.com)